

O POETA COMO FIO-CONDUTOR

José Heronides Andrade de Moura
Mestrando em Ciência da Literatura / Poética (UFRJ)

Nossa comunicação toma como ponto de partida as amostras da poesia lírica, urbana e contemporânea de Antônio Cícero. Abordaremos três aspectos básicos e intrínsecos ao texto literário, cujos eixos principais são o poeta, a poesia e a singularidade enquanto corpo formador de uma metapoética homoerótica orgânica. Não temos a pretensão de abranger esta perspectiva de modo categórico. Seria ingênuo pensar a totalidade entrevista no coletivo por uma simples razão: a fragmentação é uma realidade cada vez mais presente, tornando o compartilhado somente uma possibilidade dentro de uma faceta da artificialidade que está na própria linguagem nos meios de comunicação de massa. Em contrapartida, estando a poesia também condicionada a este aprisionamento formal e retórico enquanto representação, ela ainda proporciona uma alternativa criativa e estética à imposição tirânica e niveladora da ordem social expressa na linguagem. Tampouco queremos fazer apologia de uma marginalidade anacrônica ao reconhecermos a matriz presente hoje de modo insinuante, porém menos afrontadora, se comparada à rebeldia aos moldes dos anos 70 como diagnóstico crítico. Nosso empenho, sim, cuida do papel nada prático de instilar emoção renovada, numa época notadamente marcada pela lógica mercantilista e massificadora, sobrando espaço de expressão a esta paixão poética, acompanhando de certa maneira os ditames da moda, como qualquer produto cultural.

É por este motivo que nos apropriamos da pessoa biográfica na autoria ciceriana, através da voz do eu lírico, marcando uma ambigüidade, à medida que é desfeito o limite entre o sujeito e o outro, na convergência daquilo que se confunde com um só corpo: a poesia e o poeta. Aqui entendemos o poeta como elemento mediador, fio-condutor, ligando tradição e público. Para que isto ocorra, alguma tensão é inevitável ao configurar um quadro de tendências. Neste processo de

subjetivação, há que se notar, todavia, a vertiginosa interação nos dois lados da comunicação. Estão em questão o eu biológico e o eu literário na individualização, ao mergulharmos nos meandros da subjetividade.

Muito embora sejamos acometidos de uma nostalgia do uno remoto e imemorial, fora do âmbito de uma praticidade reprodutiva, são os assuntos enfocados pela mídia, com raríssimas exceções, resultantes em banalização, espetacularização e superficialidade. Para fazer frente à lei maior do mercado, tiramos partido da anatomia densificada e breve da escrita poemática ciceriana, identificada como algo que soube adaptar-se à modernidade, sem contudo perder em qualidade. Eis o caso de plena adequação aos novos tempos, de uma anatomia integrada às virtualidades contemporâneas, com participação em linguagem digitalizada de poemas na forma de CD, além do reconhecimento da herança deixada pelas vanguardas. Um outro exemplo ilustrativo da dialética de mudança reside no fato de como o estreitamento dos espaços pop e literário passaram a integrar-se, sem prejuízo de ambas as partes. Mudam-se os tempos, mas o paradoxo insiste em persistir. E a arte consiste em torná-los harmônicos.

Ao assumir o cunho virtual, a categoria literária do eu lírico cumpre com a função de propiciar a magia de reativar imagens subterrâneas e evocar potências inconscientes. Ironicamente, tal empreitada, apesar de alimentar uma ordem mercadológica, traz uma contribuição fundamental na divulgação das idéias literárias neste produto fetichizado, que é o livro para a sociedade contemporânea.

Reconhecendo-se as marcas do já dito, as formas literárias fixas e as recriações, importamos ressaltar a figura ilusória encarnada numa única pessoa no caráter exclusivo, romântico do poeta, considerando-se a grande desidentização que assola o período pós- tudo. Mas por ser um “medium” e propiciar um transe na cumplicidade do silêncio, do som e do sentido. Ninguém melhor que o poeta para ilustrar a trajetória, enquanto empresta-nos o corpo da escrita mais

duradouro e permite a construção, que ultrapassa os limites da margem do texto impresso, ao afirmarmos com complementariedade necessária ao discurso e em atitude. Assim fazendo, sacudimos a anatomia maior ocultada ou sugerida pelos artifícios poéticos. Encontramos realização para além do pragmático, libertando- nos do senso comum. Deixamos então a poesia instaurar- se.

O que nos interessa, em particular, junto ao complexo de vocação cosmopolita, no convívio com a linguagem eletrônica, é a maneira como o corpo aludido, na composição da grafia, retoma o arcaico e atualiza sua vigência. A despeito de um mundo altamente automatizado nas propostas de soluções objetivas, o poeta, sem imprimir uma intenção ostensiva, militante, insurge- se, pela veia lírica, contra as concretudes das conquistas externas da ciência e viabilizadoras do sistema racional, um pressuposto que já se incorporou como sendo clássico da modernidade. Não deixa de denunciar, todavia, as mazelas do capitalismo em seus contrastes perversos e os trata com certo desencanto, valendo-se da inventividade para escapar a uma única visão compartilhada do sistema de mercantilização e produção de valores como bens de consumo.

A postura antiburguesa deixa-se entrever nas duas primeiras quadras do poema “TEMPLO”, cuja negação se faz patente em se evocando o modelo grego de civilização, pautado, neste caso, pela metalingüística desejante; portanto, ela é erótica em sua acepção de contraste, no resgate de uma mitologia ancestral, num primeiro momento, na primeira estrofe, e em seguida, justifica metapoeticamente, na segunda parte da citação parcial, como é feito o corpo da escritura ciceriana, para termos uma idéia da resistência que perdura “a gouche” na tradição de inconformismo elaborado e na declaração de intenções, que confunde a persona do eu lírico com a ilusão de ser o próprio eu biológico manifestando- se. Citamos:

Para que as Musas residentes lá no Olimpo
façam meus poemas palavras que desejem,
eu que, à sombra de um deus muito mais triste, habito
a fralda de uma montanha muito mais verde,

declaro não serem os versos que escrevo obras
de arte mas bases, paredes e donaires
de templos construídos com mãos e com sobras
de paixões, mergulhos, fodas, livros, viagens

.....
(CÍCERO, A.: 1997,101)

Este encaixe tematiza e contradiz a postura produtiva de obras de ocasião e de fácil deglutição. De modo afim, em termos de cultura grega e mitológica, observamos em “TRANSPARÊNCIAS” a sutileza da conjunção de dois planos: o referencial de litoraneidade apresentado fenomenicamente em ordem direta, que logo adquire o encaminhamento retórico, num crescente dramático, iniciado por um questionamento e pontuado por conjuções alternativas, intensificando o apelo de conotação negativa até culminar na terceira estrofe conclusiva, também iniciada pelo mesmo procedimento formal, que aquele da segunda estrofe. O arranjo eleito estabelece um contraste claro-escuro em tonalidade cromática e sensorial nas duas estrofes seguintes, porém complementares na formação do corpo poético. Mais uma evidência de eroticidade que pontua a concepção de singularidade. Citamos o poema na íntegra:

TRANSPARÊNCIAS

A Roberto Correia Lima

Venho da praia de um verão em que as ondas rolam
Redondas e lisas sobre o mar sem formar espuma
E olhos gulosos engolem glaucas e mornas transparências
Goles de luz azul e verde fazendo inveja à língua aos lábios e à goela

Por que me arrastas por areias sem águas
ou zonas infestadas de feras
ou paludes sombrios
ou friagens cítricas
ou mares coagulados

Por que me queres nessa terra monstruosa e trágica
onde erram poetas e mitógrafos
e nada é certo nada claro

(CÍCERO, A.: 1997, 27)

Os primeiros versos põe-nos em contato com o estado paradisíaco. É um quadro tão desejante quanto aquele formalizado em “TEMPLO”. Com uma diferença, em “TRANSPARÊNCIAS” a melancolia é cindida por completo em um bloco de signos de hostilidade dito para fazer contraste à definição poética e plástica que marca a imanência de uma referência divina: a recorrente presença de Palas Atena ao longo da Odisséia de Homero, aludida sutilmente na menção metonímica da palavra “glaucas” como adjunto adnominal de “transparências”. O litoral como fonte de origem e reconhecimento identitário é com certeza a fusão da vocação carioca para a cultura praieira, refundida ao espírito grego nos matizes hesitantes do verde ao azul. Ainda não vislumbramos de modo explícito o caráter homoerótico.

Voltando a inteireza do corpo vivenciado vicariamente pelo eu lírico, o hibridismo da forma explica-se por vivermos um era de incertezas, o que ironicamente beneficia o fazer literário. É o fazer poético harmonizando-se organicamente forma e conteúdo. Como nós já mencionamos, a poesia pede a cumplicidade do leitor e está impregnada no dia-a-dia, nas coisas mais evidentes e banais, assim como convivem os tratamentos mais grandiloquentes, reeditando-se as formas consagradas por vários movimentos, numa vertente segundo a qual ficou classificado por Heloísa Buarque de Hollanda em sua antologia “Esses poetas” como a da geração dos anos 90, que dificulta mais ainda os adeptos da categorização. Afirmamos com isso ser a matéria-prima composta de dois registros lingüísticos opostos, o formal e o informal, mais a soma de contribuição das vanguardas surgidas depois do Romantismo brasileiro, num rompimento gradativo e cumulativo. Hoje, houve a retomada dos procedimentos formais fixos como o soneto e a adoção do esquema rimático.

De volta à singularidade, estamos longe de desfrutar de um sentido paradisíaco aos moldes da visão bíblica, se pensarmos numa possibilidade de retorno a um estado de utopia

fundadora e humana. Quanto mais sofisticados nos tornamos, mais distantes estamos do sentimento de completude exigido pelo erotismo. Por outro lado, nada impede que busquemos uma saída mesmo que criativamente para as agruras existenciais. Portanto, o legado a nós deixado consubstancia-se em linguagem. Posto que na medida que nos afastamos dos outros, reatamos os laços de convivência pela virtualidade eletrônica, inclusive. Vale a pena, contudo, insistirmos na tarefa ingente que é lidar com a diversidade humana enquanto tecido social. Ao termos nos afastado de um princípio natural, porém distintivo dos outros animais, por dominarmos uma comunicação extremamente complexa, que levamos vantagem por sermos dotados de sobrevivência simbólica e não desaparecermos do planeta como acontece com determinadas espécies. Por isso o agenciamento da poesia serve de libertação ao peso existencial. É nessa hora que é oportuno lembrar do desmonte a partir da própria tradição, contida no breve poema de Antônio Cícero, que nos representa melhor que qualquer discurso politicamente correto.. Em “DE TRÁS PRA FRENTE”, fica patente a subversão dos papéis sexuais, provando que não somos motivados pelo ritual repetitivo de acasalamento como é previsível entre os animais. Citamos:

O amante,
Cabeça tronco membro
Eretos para o amado,
Não o decifra um só instante
Eu mesmo ainda me lembro:
O amante é devorado.
Já o amado,
Por mais ignorante e indiferente,
Decifra o seu amante
De trás prá frente.
(CÍCERO, A.: 1997, 65)

Neste caso, o texto literário é a contraface do científico calcado numa legitimidade natural pelos casais convencionais e eles pressupõem uma adoção de valores absolutos herdados pelas gerações que se sucedem. Estas formam ao nosso ver a constituição de parte de um corpo maior. O que era crença no paradigma único e exclusivo de normalidade cultuado no século XVIII, é uma construção social segundo o pensamento de Michel Foucault em ‘História da sexualidade’. Só para termos uma idéia de como reproduzimos modelos inconscientemente. Não somente no âmbito sexual mas também institucional, nos canais de comunicação, estamos constantemente repetindo tradições que muitas vezes nos faz crer ser a violência algo inevitável e aceitável. É mais lícito chamá-la de consentida. Devemos estar atentos para que a criação não se volte contra o criador quando isto não for desejado. Temos direito a uma escolha mesmo que errada para o senso comum. E o melhor corpo nunca está pronto. Será sempre um devir.

Bibliografia

BATTAILE, Georges. *O erotismo*. 2ª ed. Trad. Antonio Carlos Vianna. Porto Alegre: L& PM, 1987.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CÍCERO, Antônio. *Guardar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 6ª ed. Rio de Janeiro: Graal 1985.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) *Esses poetas: uma antologia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

HOMERO, *Odisséia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Coleção Universidade, Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s. d.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MORICONI, Italo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PLATÃO, *Diálogos*. Trad. Jaime Bruna. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, s. d.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.